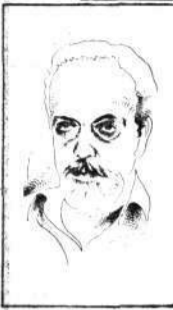


## Espaço aberto

## A ficção científica constitucional

LUIZ CARLOS LISBOA



O Segredo da Flor de Ouro, um velho livro chinês, diz que, "quando o homem errado usa os meios certos, os meios certos funcionam de modo errado". Talvez esteja nisso, hoje mais do

que nunca, o drama brasileiro de tentar todos os remédios conhecidos para debelar seus males, sem acertar com nenhum. Nosso mal pode estar contido também na suprema desventura de ter somado, durante muito tempo, meios e homens inadequados, de tal modo que apenas alguns homens de boa vontade e apenas algumas medidas adequadas tenham sido insuficientes para restaurar a homeostase e colocar de pé o paciente.

O retorno da inflação a um índice próximo de 24%, confessado nos últimos dias pelos encarregados oficiais de dar boas notícias, deve ter convencido o doente de que seu estado é grave. Como o Ivã Ilitch de Tolstói, o País sabe agora que está entregue aos mistérios da saúde e da doença, da vida e da morte. Os sintomas de convalescença que os médicos exibem para seu consolo já não o interessam tanto, depois de tantas recaídas.

Apesar de tudo, temos muito dos doentes de Molière, interrompendo os gemidos do nosso desconsolo para pregar o olho numa réstia de saúde que nos desce do céu, na forma de um bom sintoma ou de um punhado deles. A queda nas taxas de desemprego, a curva ascendente das exportações e a super safra são débeis sinais de reação num corpo exaurido, mas não de todo exangue. Esse alento que resta pode não ser bastante para enfrentar a grande prova que se aproxima, na forma de uma Constituição que decreta a felicidade e a perfeição sem apontar os caminhos ou oferecer os meios necessários para chegar até elas. Como os encargos do Estado aumentarão enormemente no provimento da bem-aventurança nacional, e não há de onde tirar essa riqueza não prevista em lei, o País supõe que é ele mesmo, o paciente combatido, que terá de trabalhar como um mouro para pagar o tratamento da sua anemia profunda.

A nova Constituição acabou parecendo um jogo de crianças, em que o divertido consiste em juntar provisões num canto do quarto, entre duas camas, para a partida de um barco imaginário, no rumo da aventura. Os mantimentos, cartas náuticas e instrumentos de bordo podem ser reais, mas o barco não vai navegar senão no sonho dos seus tripulantes. O S.S. Constituição está pronto para começar sua viagem, mas em breve estará na hora de as crianças dormirem, e o melhor da coisa vai acontecer apenas dentro das pequenas cabeças, durante a noite.

O futuro vai dizer que umas poucas centenas de homens "errados" fizeram um compêndio de leis "certas", no Brasil, preocupados com o social, mas incapazes de

providenciar seu equilíbrio, voltados para o bem-estar geral, mas ignorantes das leis naturais que comandam o mercado numa sociedade livre. Se as leis são certas somente quando aplicáveis — porque do contrário elas funcionam de modo errado — não há exagero em dizer que a nova Constituição é um rol de intenções, um modelo legislativo para uma sociedade que ainda não existe, um trabalho de ficção científica que seria máis bem dirigido por Isaac Asimov do que por Ulysses Guimarães.

O conjunto de disposições fundamentais que vai entrar em vigor dia 5 tem muito pouco a ver com o Brasil dos nossos dias, um país empobrecido pelo vampirismo do Estado, pela falta de jeito e avidez que fazem desse bicho estranho uma mistura de morcego e elefante. É um país minado pela politiquice que se convencionou chamar aqui de política, em que prevalecem métodos mesquinhos, projetos provincianos, processos malandros, efeitos mirrados. A Carta que vai cair sobre o País como um megatério é imprevisível na sua múltipla inadequação, e é criativa na sua prepotência. Em relação a ela não há muita coisa a fazer, a não ser sair de baixo.

É muito desconfortável reconhecer que o resultado de tantos meses de trabalho e imobilização nacional está fadado a ser descumprido, ou a ser revogado. Não que haja a disposição de desobedecer à Carta que está vindo pelos ares, para se esborrachar no chão da pátria: o desejo de prestar-lhe obediência é tão grande quanto a vontade de ver tudo melhorar no País, mas muitas vezes querer fica a uma grande distância de poder, e não há como encurtar o caminho. A Carta de que o País se sente nostálgico é sintética e não excludente, estabelece obrigações e direitos, restringe o crescimento doentio do Estado e garante a liberdade, ao homem comum, de criar riqueza a seu redor, como ele sempre fez desde que existe. É uma pena que nossos homens "errados" tenham sucumbido à ilusão antiquada de que o Estado é provedor miraculoso, exatamente quando, em outras partes do mundo, milhões de outros homens chegam à conclusão oposta e perdem sua fé no Leviatã.

Os políticos brasileiros são vítimas fatais — e isso não vai mudar tão cedo, porque eles reforçam mutuamente suas superstições old fashioned — do fenômeno moderno da "desinformação lacunar" que castiga as sociedades mais cultas e avançadas tecnologicamente, e que naturalmente flagela as mais atrasadas também. Vivem, esses senhores, em bolsões de ignorância que se sustentam, trocando dados e avaliações já recusados em meios mais esclarecidos. São esses políticos que planejam nosso futuro, legislando sobre a felicidade e a riqueza, apontando fins sem facultar meios, e atando nossas mãos e nossa imaginação, exigindo que a ventura se estabeleça na Terra, mas não nos permitindo conquistá-la do único modo que ela pode ser conquistada.